

• PARAÍSO •



Tatuagem e confinamento

Tattooing and confinement

Taiom Almeida da Silva ¹

1. Graduado em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (UnB), atua internacionalmente como tatuador profissional. Desenvolve pesquisa entre o desenho, a gravura, a tatuagem e a performance, em estudo que volta o olhar ao corpo como agente social em construção, que se posiciona e grava suas ações, seja como indivíduo ou coletivo. Tem atenção especial com as margens dos sistemas políticos e artísticos e as imagens que por aí se formam e transitam. End.: Rua Sabará 16, apto 62. São Paulo - SP; CEP: 01239-010; E-mail: sktaiom@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6804-8076>.

Resumo |

O artigo apresenta reflexões sobre a relação histórica e cultural entre espaços e situações de confinamento e a prática e difusão da tatuagem no ocidente, e sua influência no trabalho artístico do autor. Reconhece intersecções entre os confinamentos físico e psicológico, assim como o lugar da imaginação, como escape à privação da movimentação. O riscar a pele aflora como um resgate do íntimo e do primevo, potência explorada na performance *Ilusão*, aqui discutida, em que o contato entre o performer confinado e a audiência se dá por meio de transmissão remota. Certa reversão do sentido social da tatuagem e da partilha da performance estão entre os resultados analisados.

Palavras-chave: Tatuagem. Confinamento. Isolamento social. Performance.

Abstract |

This article presents reflections on the historical and cultural relationship between spaces and situations of confinement and the practice and spread of tattooing in the West, and its influence on the author's artwork. It recognizes intersections between physical and psychological confinements, as well as the place of imagination, as an escape from deprivation of movement. Scratching the skin emerges as a rescue of the intimate and the primeval, a power explored in the performance *Illusion*, discussed here, in which the contact between the confined performer and the audience takes place through remote transmission. A certain reversal of the social meaning of the tattoo and of the sharing, typical of performance art, are among the results analyzed.

Keywords: Tattoo. Confinement. Social isolation. Performance.

Dentro de limites, cercado, isolado, recluso, separado dos outros, impedido de ultrapassar certa demarcação. A situação física, de um corpo que não pode sair de onde está, passa a ser também psicológica. “Não há saída; não tenho como fugir” são sentenças que se impõem a essas condições e geram dúvidas sobre o ser e o fazer. “Como não enlouquecer?” É pergunta recorrente diante da privação, que vai além da não-movimentação no espaço e se desdobra metaforicamente: o confinamento *lato sensu*, quando a liberdade é restringida em condições rigorosas por imposições externas (GINZBURG, 2014).

Imaginar é o escape. Criar na mente ideia do que é/foi/ou será lá fora, e ver o todo a partir de seu distanciamento dele. O corpo e a palavra são o que resta ao ser solitário¹; enquanto a ânsia por contato, por diálogo, ter escolha e ter domínio do próprio destino - do próprio corpo - faz pulsar uma antiga necessidade humana de registrar e materializar o que se deseja ou o que se sente falta: *Saudade / Paixão / Crença*. É preciso dar forças ao corpo para que resista ao distanciamento, ainda que temporário. O indivíduo é coletivo (e vice-versa), e quando privado do convívio, é natural que busque outras maneiras de se comunicar, ainda que consigo mesmo; e nada mais próximo à comunicação humana do que o próprio corpo (RAMOS, 2006). E é nesse limite físico do ser individual com o mundo que o cerca, na superfície que divide o *eu* dos *outros* e também área de contato entre o dentro e o fora, que emergem os sinais íntimos da comunicação humana.

Tatuar é a forma de gravar no corpo seu desejo-memória, de lembrar-se para sempre. Ato tão natural desde... (sempre?²), não o deixaria de ser em situação de confinamento. E essa ligação se torna evidente

1. “El cuerpo y la palabra son toda la vida del hombre absolutamente solo. Pero la palabra allí no vale para nombrar lo que no se tiene, ni para comunicarse.” (LISCANO, 2001, p. 211).

2. “Mas como é ela antiga! O primeiro homem, decerto, ao perder o pêlo, descobriu a tatuagem.” (RIO, 1908, p. 17).

tendo em vista a presença constante da tatuagem nesses ambientes onde o relógio anda em câmera lenta (“tic, tac, ainda é nove e quarenta”³). Como nos conta a historiadora Silvana Jeha (2019), boa parte dos registros das tatuagens na cultura ocidental vem desses espaços de restrição. O controle sobre o corpo do confinado, por parte das autoridades, dá acesso ao que ali se inscreve. Grafias de vidas, que não se limitam ao tempo de confinamento, podem ser lidas através dos registros médicos ou policiais, como por exemplo, nas fichas do Museu Penitenciário Paulista pesquisadas por Jeha, onde além das fotografias das tatuagens constam indícios de onde, quanto e por quem foram feitas tais marcas, permitindo conhecer detalhes íntimos não só de quem as carrega, mas também uma parcela da sociedade da qual são raras as documentações históricas (JEHA, 2019).

É sabido que tais marcas não se limitam a estar em confinamento, mas lá se fazem quase que necessárias, tamanha é a importância que lhes atribui quem as carrega. E o confinamento pode se fazer de inúmeras maneiras, em diferentes momentos. Nos quartéis e seus alojamentos de regras rigorosas, onde soldados passam a grande parte do tempo, é também onde exibem suas tatuagens. Militares recorrem a estas marcas já há bastante tempo, seja como condecorações de méritos, memórias de amor à pátria e aos seus, sinais de bravura, ou mesmo como punições e identificação de prisioneiros (RAMOS, 2001 e 2006). Os navios, em suas infundáveis jornadas ao mar, foram a um só tempo ambientes propícios ao ato e difusores dessas marcas na cultura ocidental (e vale pontuar, eurocêntrica). De forma que a história da tatuagem passa, invariavelmente, pelas mãos (e peles) dos marinheiros, responsáveis por disseminar o nome⁴ de uma prática conhecida há pelo menos cinco mil

3. Referência à música “*Diário de um detento*”, do grupo Racionais MC’s. Cosa Nostra, 1998.

4. Em 1769, capitão da Marinha Real Britânica James Cook introduz a palavra *TATTOW* (mais tarde *tattoo*). A palavra é uma aproximação em língua inglesa

anos⁵. Até mesmo a discriminação social que desloca pessoas para as margens, relegando-as a áreas restritas da cidade, pode ter inspirado estes sujeitos a se tatuarem, pois foi às margens da sociedade ocidental onde ela mais se difundiu, como bem se percebe nos registros literários e midiáticos reunidos por Jeha ao contar a história da tatuagem no Brasil, que passa pelos corpos de sambistas, prostitutas, comerciantes e imigrantes.

Também não é à toa que cadeias e prisões do mundo todo compartilhem sinais tão próximos, a ponto destes serem vistos como parte de uma mesma subcultura dentro da história da tatuagem. Pessoas confinadas se tatuam, ainda que proibido pelas autoridades e sem os meios mais adequados, e tamanha é a vontade de ter o corpo marcado que se recriam e adaptam instrumentos capazes de tornar permanentes os anseios mais humanos. Desde máquinas feitas com motor de barbear, agulhas com cordas de violão, tinta a partir da fuligem de borracha da bota dos detentos, misturada à própria urina do tatuado, ou até cinzas de cigarro com saliva, e suas demais variações de acordo com os materiais disponíveis no cárcere (MONDADORI, 2006), não há impedimentos para que se tornem visíveis as mensagens que o corpo carrega. Como pode ser visto nas cadeias russas, um complexo imaginário detalha a vida e as ações de quem veste esses sinais a ponto de se dizer que, se um corpo não tem tatuagens, ele não existe⁶. É essa riqueza de informação que tor-

de um substantivo Polinésio (como Taitiano e Samoano tatau, e Marquês tatu, “punção, marca feita na pele”) que é uma onomatopéia do som da batida da ferramenta de madeira usada para marcar o corpo com agulha e tinta. (MARQUES *apud* PERES, 2015).

5. *Ötzi the Iceman*, como é conhecida a múmia encontrada em 1991 nos Alpes entre a Áustria e a Itália, que apresenta sessenta e uma tatuagens, é datada com 5.300 anos. Ver em: SOUTH TYROL MUSEUM OF ARCHEOLOGY, 2020, sem paginação.

6. Como diz o detetive da Scotland Yard, personagem do filme *Eastern Promises*, do diretor David Cronenberg. Universal, 2007.

na esta prática característica da máfia russa (SIDOROV, 2008).

Já nos cárceres da América central e do Norte, é comum ver rostos completamente tatuados com os símbolos de suas gangues, assim como pescoços e mãos (partes difíceis de serem encobertas), que demonstram o desejo e comprometimento em pertencer à “família” (como se chamam membros da mesma gangue) assumindo para sempre a identidade do grupo. O que antes era a sua identificação visual particular, as feições do rosto que caracterizam um indivíduo, agora passam a pertencer ao grupo, assumindo a visualidade do coletivo. Prova de coragem que lembra os guerreiros *Maori*⁷ onde as inscrições no rosto é testemunho de boa posição na hierarquia social. Esse não é o mesmo caso dos *Yakuza*⁸, no Japão, que tatuam o corpo inteiro, porém os traços não ultrapassam o pulso, o tornozelo e o pescoço do indivíduo (FELLMAN, 1986).

Aqui no Brasil, entre as décadas de 1920 e 1940, a Casa de Detenção (na época considerada instituição modelo na América Latina, e depois popularmente conhecida como Carandiru) em São Paulo, registrou e analisou mais de três mil diferentes marcas nos corpos dos detentos, e pretendiam começar a decifrar tais códigos (RAMOS, 2006). O que pode ser usado como instrumento administrativo, com o qual oficiais classificam indivíduos e dessa forma exercem controle sobre eles, acaba por ser apropriado e peça importante da construção de uma identidade corporativa entre os confinados, que subvertem o poder das relações de autoridade e a transformam numa estratégia de resistência, fazendo do

7. Povo nativo da Nova Zelândia. Conhecidos também por possuírem métodos tradicionais de tatuagens, e pelo sentido sócio-cultural dessas marcas. (MONDADORI, 2006).

8. Organização criminosa japonesa; grupos organizados e com regras rígidas e específicas, influenciam diversos segmentos da sociedade japonesa, e seu surgimento é datado do século XVII. Reconhecidos pelas tatuagens *Irezumi*, (tatuagem tradicional *yakuza*) que cobre quase que completamente o corpo. Por utilizarem a prática de tatuagens desde muito tempo, criou-se no Japão um consciente coletivo que associa diretamente a tatuagem à máfia (MONDADORI, 2006).

corpo seu espaço de liberdade (RAMOS, 2006).

E que vontade é essa que atravessa o tempo e o espaço, e mesmo em situações adversas, pulsa com tal força capaz de transpor limitações e expandir-se até quando posta em confinamento? O que é que nos move a romper a fronteira da carne e deixar marcas tão duráveis e efêmeras quanto nosso próprio corpo? O que encontramos no confinamento que incita essa ligação do íntimo com o ancestral e com a permanência?

Detenho-me em investigar tais questões há pelo menos dezesseis anos, quando tive meu primeiro contato com a prática de gravar sobre a pele. Antes, lembro de ter visto tatuagens por perto ainda quando criança, o que despertou uma curiosidade que persistiu pelos anos, desdobrando-se em inúmeras conversas, hoje vagas na memória. Alguém, algum dia, disse-me que tatuagens eram feitas com agulha e tinta, e isso era tudo que eu sabia quando decidi, anos mais tarde, fazer um teste em meu corpo. Sozinho em casa, peguei uma agulha de costura de minha mãe e um tubo de tinta nanquim para desenho de meu pai, pinguei uma gota em minha perna, próximo ao joelho, e fiz repetidas punções com a agulha. O nervosismo, a dor e a curiosidade misturaram-se ao sangue e a tinta, marcando meu corpo com a memória desse gesto. O que me moveu naquela ocasião persiste até hoje, embora não saiba exatamente o que seja. E mesmo após anos de estudos, dentro e fora da academia, não se esgotaram as questões referentes ao ato de marcar o corpo e suas interseções no campo da arte.

Hoje, o confinamento toma proporções mundiais, devido à pandemia do Covid-19 que se espalha há meses. A principal medida de prevenção ao contágio, e controle da disseminação do vírus causador da doença, é o distanciamento social⁹. Diante do alto risco de contaminação, pede-se veementemente à população que fique em casa, e o isolamento

9. Conforme indicado no site: <https://coronavirus.saude.gov.br/>

passa a ser questão de saúde pública e sobrevivência dos indivíduos. O sentimento de confinamento diante de tais determinações proibitivas, restritivas de circulação e contato social se espalha facilmente, e desta vez com uma configuração nova, onde a o confinamento parece ser um luxo inviável para a população com menor condição de subsistência¹⁰. A viabilidade prática de manter o isolamento não é uma realidade para todos, e parte da população está exposta a maior risco de contágio. O ser confinado, que antes era visto como marginal, agora adquire formas de elite com o privilégio de poder manter-se distante ao grande risco.

Muda-se o cenário e seus agentes, mas persiste a ligação entre o sentimento de confinamento e de isolamento, de ser/estar separado do todo, e a vontade de se ter o corpo como documento da própria vida, registro de anseios íntimos e plataforma semântica onde o *eu* se expõe aos *outros*. Como artista-pesquisador, sinto na pele essa relação e me misturo ao objeto de estudo: também sou o confinado que se tatua. As referências aqui citadas se configuram em material simbólico que compõe meu recente trabalho, intitulado *Ilusão*: uma performance transmitida ao vivo em rede social onde me tatuo com uma máquina caseira, utilizando câmera e tela do celular como espelho para guiar a ação¹¹.

10. Conforme explica o sociólogo Hamza Esmili em entrevista à BBC, disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52270073>

11. *Ilusão*, 2020. TAIOM, performance live streaming e tatuagem; vídeo registro disponível em: <https://vimeo.com/422900464>



Fig. 1: Registro da performance Ilusão, de Taiom Almeida. 01 mai. 2015. Foto: Luísa Dalé.



Fig. 2: Registro de performance: captura de tela, em 22 de abril de 2020, às 19.14.58. Foto: arquivo do autor.

Fig. 3: Registro de performance: captura de tela, em 22 de abril de 2020, às 19:15.59. Foto: arquivo do autor.



Fig. 4: Registro da performance *Ilusão*, de Taiom Almeida. 22 de abril de 2020. Foto: Luísa Dalé.

Nesta obra, coloco dois dos elementos estruturais da performance, artista e público, atravessados pela interface interativa do *Instagram*¹² e, ao mesmo tempo que me vejo, me exponho, sobreposto pelos comentários dos espectadores, criando uma ilusão de contato e questionando a presença (ou distância) entre espectador e obra, da qual todo participante passa a ser co-criador ao interferir diretamente sobre a visualidade do trabalho. Pela internet, evoco questões sobre intimidade, relações e isolamento, salientadas pelo momento presente, além de ressaltar a própria efemeridade, também condição da performance (MEDEIROS, 2005), ao gravar em vídeo e em meu corpo um fragmento da ação, gerando assim pequenas ressonâncias deste ato que teve seu lugar na virtualidade *on line*.

Ao riscar minha pele com um instrumento caseiro, construído dias antes com os materiais que dispunha ao alcance, faço referência à minha primeira experiência com tatuagem e aos confinados que historicamente repetem o gesto de criar ferramentas e maneiras para se ter visível no corpo seus mais internos desejos. Dessa forma, o trabalho condensa algumas questões vivenciadas e estudadas sobre confinamento e tatuagem, bem como a relação da presença e interação durante uma performance e seu deslocamento para o campo virtual da telepresença.

Acredito que ainda é preciso expandir e aprofundar o olhar sobre a tatuagem, prática que nos acompanha desde muito tempo e que ainda é pouco entendida—apesar de intensamente consumida. Sua história é tão diversa quanto sua origem e seus meios, da mesma forma que suas motivações e significados são tão múltiplas quanto nossas próprias experiências humanas. Detentora de uma potência performática latente e notável função comunicativa, ainda em nossos dias se conserva em uma forte tradição oral, onde suas técnicas e usos são contadas verbalmente

12. Rede social direcionada para uso de imagem, com ferramenta de transmissões de vídeo ao vivo. <https://www.instagram.com/>

de uns aos outros. E apesar das crescentes descobertas arqueológicas, registros documentais e estudos acadêmicos de diferentes áreas, ainda não se conhece bem a tatuagem em sua complexidade e pluralidade. De modo que percebo o caráter transdisciplinar da Arte como uma prolífera via para adentrar essa cultura multiforme e em constante transformação, abrindo assim um amplo campo de investigações e poéticas possíveis.

REFERÊNCIAS

DA SILVA, Taiom Almeida. *Tatuagem Urbana x Pixação Humana*. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

FELLMAN, Sandi. *The Japanese Tattoo*. AbeBooks: New York, 1986.

GINZBURG, Jaime. Uma tendência na Literatura Brasileira: a narrativa de confinamento. *Fronteira Z: Revista de Estudos de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária*, n. 13, PUC - SP, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/fronteiraz/article/view/21612/15867>. Acesso em: 5 jun. 2020.

JEHA, Silvana. *Uma História da Tatuagem no Brasil: do século XIX à década de 1970*. São Paulo: Editora Veneta, 2019.

JEHA, Silvana. Cicatrizes que falam. *ZUM - Revista de Fotografia*, n.16, Abril 2019, São Paulo: IMS, 2019 b.

MARQUES, Toni. *O Brasil Tatuado e outros mundos*. Rio de Janeiro: Editora Rocco. 1997.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. *Aisthesis: estética, comunicação e comunidades*. Chapecó: Argos, 2005.

MONDADORI, Oscar. *Tattoo*. Milão: Piccola Biblioteca, 2006.

LISCANO, Carlos. *Teatro*. Montevideo: Ediciones del caballo perdido, 2001.

PERES, Rafaella Lopes Pereira. Etimologia e semântica da palavra tatuagem. *RUTA - Revista Universitária de Treballs Acadèmics*, no. 6, p. 1-8. Barcelona: UAB, 2015. Disponível em: https://ddd.uab.cat/pub/ruta/ruta_a2015n6/ruta_a2015n6a3.pdf. Acesso em: 05 jun. 2020.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. *Teorias da tatuagem: corpo tatuado: uma análise da loja Stoppa Tattoo da Pedra*. Florianópolis: UDESC, 2001.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. *As nazi-tatuagens: inscrições ou injúrias no corpo humano?*; São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas: reunião de crônicas publicadas entre 1904 e 1907*. Biblioteca Nacional. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/alma_encantadora_das_ruas.pdf. Acesso em: 05 jun. 2020.

SOUTH TYROL MUSEUM OF ARCHEOLOGY. Ötzi, the Iceman. 2020, sem paginação. Disponível em: <http://www.iceman.it/en/the-iceman/>. Acesso em: 05 jun. 2020.

Submetido em: 20/05/2020

Aceito em: 06/06/2020